
O BESTIÁRIO MEDIEVAL E A REPRESENTAÇÃO DERROGATÓRIA DO
FEMININO: O EXEMPLO DO MANUSCRITO DE CAMBRIDGE*

PEDRO CARLOS LOUZADA FONSECA**

RESUMO

Na cultura medieval, os bestiários tratavam de animais das mais variadas espécies e natureza. Revelavam, de forma simbólica e figurativa, uma pragmática religiosa de caráter doutrinário e moral. O presente estudo tem por objetivo verificar que, consubstanciando essa intenção edificante, elementos e aspectos característicos da mentalidade e da cultura misógina da Idade Média configuram-se nos bestiários em instâncias de um verdadeiro discurso de gênero que, a exemplo do manuscrito de Cambridge (MS II. 4.26), coloca em perspectiva estratégica e ideológica a representação da imagem feminina de muitos dos seus animais tratados.

PALAVRAS-CHAVE: bestiário medieval, misoginia, manuscrito de Cambridge.

Que a relação entre língua e sociedade revela a existência de uma ideologia fixa com respeito à questão do gênero é uma idéia que hoje dificilmente pode ser contestada. A despeito dos tradicionais estudos que insistem na diferença sexual – interessados na perpetuação de uma mitológica divisão entre macho e fêmea, ou masculino e feminino – as distinções, hoje em dia consideradas, entre sexo (ou realidade biológica) e os padrões de comportamento que definem a expressão do gênero têm se tornado uma referência obrigatória para a análise e investigação da realidade social. Através das lentes do gênero, pode-se prontamente

* Uma versão modificada deste estudo foi apresentada como comunicação no VI Encontro Internacional de Estudos Medievais promovido pela Associação Brasileira de Estudos Medievais e realizado na Universidade Estadual de Londrina no período de 6 a 8 de julho de 2005.

** Professor de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.
E-mail: pfonseca@letras.ufg.br

Recebido em 10 de maio de 2006
Aceito em 14 de junho de 2006

observar a capciosa natureza de um discurso dominante que, simbolicamente, mascara prerrogativas do masculino e que, de maneira inevitável e consistente, trata a identidade do outro sexual como inferior e, dessa forma, passível de discriminação, controle e dominação.

A retórica desse discurso masculinista dominante consubstancia-se por um complexo sistema de binarismos estruturados hierarquicamente por meio de excludências paradigmáticas. A importância dessa estratégia torna-se extremamente significativa no sentido de se poder perceber que tal paradigmática hierárquica opera sob o signo da violência, não se manifestando simplesmente, conforme comenta Cora Kaplan, “as pure binary forms” [como formas binárias], uma vez que tal paradigmática se apresenta “always, already, ordered and broken up through other social and cultural terms, other categories of difference” [sempre já organizada e dividida em outros termos sociais e culturais, outras categorias de diferença] (KAPLAN, 1986, p. 148). Essas categorias de diferença podem, portanto, incluir perfeitamente quaisquer combinações de classe, raça, idade e histórias particulares da sexualidade. Assim sendo, configurar a complexidade do estudo do gênero apenas em termos de mera diferença sexual, sem considerar essas outras implicadas distinções “obscure and legitimizes” [obscura e legitima], no dizer de Catherine Mackinnon, “the way gender is imposed by force” [a forma pela qual o gênero é imposto por força] (MACKINNON, 1987, p. 32).

O exame da questão da existência de um discurso de gênero no bestiário da Idade Média e dos princípios dos tempos modernos – discurso este fortemente determinado pela ideologia patriarcalista cristã, embasado premissalmente por um ideário de fundamento teológico e doutrinar-moralizante revelador de uma ordem política – deve considerar ainda, além dos pressupostos teóricos feministas acima indicados, alguns problemas de ordem epistemológica na sua abordagem crítico-analítica. Nesse aspecto, Howard Bloch, em *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*, sugere que o estudo do gênero por um sujeito masculino genericamente auto-identificado esbarra sempre com

o dilema da subjetividade. Na verdade, essa subjetividade torna-se uma espécie de armadilha para esse crítico masculino que vai discutir sobre o ser do feminino, na medida em que podem ser encontradas, nessa subjetividade, certas “formas de cumplicidade inconscientes às quais nenhum de nós é imune”, visto que “a imitação ventríloqua da voz de alguém pode se revelar [...] tanto uma estratégia de sedução como uma usurpação do poder daquela pessoa” (BLOCH, 1995, p. 9-10).

Esse é um problema que, perigosamente, poderia atribuir suspeitas de antifeminismo mesmo aos mais bem intencionados estudiosos masculinos do discurso de gênero. Por outro lado, no caso desses estudiosos, na tentativa de objetividade, simplesmente compilarem agendas da tradição misógina medieval, com intenção de denúncia, ainda assim incorreriam no perigo de legalizarem uma “equiparação da uniformidade do discurso com a sua inevitabilidade” (BLOCH, 1995, p. 11). Em face desse dilema, Bloch sugere que

ao explorar as armadilhas e paradoxos deste discurso [masculinista] socialmente sancionado, não é suficiente simplesmente recitar mais uma vez a história de uma injúria, uma litania de desgraça. Como atesta a persistência dos *topoi* do antifeminismo, a retidão moral e os contra-exemplos – tanto medievais como modernos – historicamente nunca foram suficientes, nem mesmo muito eficientes. É preciso levar os clichês antifeministas até o seu limite para desmascarar suas incoerências internas – desconstruir, em suma, aquilo que não desaparece apenas pelo desmascaramento ou pelo desejo de que não fosse assim. (BLOCH, 1995, p. 11)

Que o discurso do gênero no bestiário medieval revelou-se fortemente marcado por atitudes misóginas, cuja disposição do seu anônimo autor apresentava-se fortemente marcada em função dos imperativos ideológicos da própria mentalidade religiosa dominante do período medieval, é o que pretendemos apontar, conscientes dos perigos dos quais nos adverte Bloch, isto é, sermos um crítico masculino cuja formação irremediavelmente apresenta-se comprometida com epistemas

culturais de uma subjetividade masculinista. Entretanto, o que não pretendemos, dado o limite desse trabalho, é aquela crítica desconstrutivista desmascaradora dos clichês antifeministas proposta por Bloch, uma vez que é nossa intenção um enfoque descritivo e analítico dos casos em que ocorrem a misoginia no bestiário *vis-à-vis* semelhantes pronunciamentos de autores do período medieval, mesmo sabedores de que, assim fazendo, corremos o risco de reproduzir uma litania da desgraça, por repetir, mais uma vez, a história de uma injúria antifeminista. Assim, nesse nosso enfoque, apenas apresentamos o problema, principalmente para alertarmos que – diferentemente do que acontece com outras formas do discurso medieval como, por exemplo, a modalidade satírica e cortês – o bestiário tem recebido pouca atenção no contexto dos estudos de gênero enquanto discurso misógino.

Entretanto, antes de iniciarmos nessa direção, algumas considerações merecem ser feitas a respeito da gênese do bestiário, cujo florescimento europeu aconteceu por volta do século XII. Em termos exegeticos, considera-se como protótipo do bestiário uma compilação alexandrina conhecida como *Physiologus*, datada entre os séculos II e V, que reunia um conjunto de relatos, entre protocientíficos e imaginários, sobre animais (familiares, selvagens, exóticos, fabulosos ou mesmo míticos), nos quais pode-se perceber uma intenção moralizante cristã, metafórica, alegórica e simbolicamente sugerida a partir dos diferentes aspectos naturais, imaginários e comportamentais das criaturas descritas. Embora comumente conhecido como livro dos animais, o *Physiologus* e o bestiário medieval também continham uma considerável riqueza de informações sobre o mundo vegetal e animal. Com o correr dos tempos, essas sessões sobre plantas (ervas) e pedras especiais desenvolveram-se, respectivamente, nos chamados herbários e lapidários medievais, de grande proveito para o estudo comparatístico do discurso do gênero contido no bestiário.

Considerando-se as tradicionais noções cosmogônicas e teológicas presentes em ancestrais concepções sobre a configuração do gênero na

mentalidade e na cultura do mundo ocidental, alguns comentários contidos no bestário de Cambridge – um importante bestário latino datado do século XII, encontrado em sua forma manuscrita na Biblioteca da Universidade de Cambridge como MS II. 4. 26, e que elegemos para examinar na edição de T. H. White, intitulada *The book of beasts* [O livro das bestas] (1984) – servem para sumarizar a noção da existência de uma postura essencialista que, embasando a visão tradicional relativa à marcação do gênero, se constrói a partir de preconceituosas diferenças naturais, morais e institucionais. Essa noção essencialista da diferença de gênero, marcada pelo princípio da sabedoria etimológica – que, sistematizada por santo Isidoro de Sevilha nas *Etimologiae* (ca. 630), resumia um dos aspectos da forma de conhecimento do mundo medieval – constituiu, estrategicamente, o apanágio do tradicional discurso masculinista de ascendência judaico-cristã, cujo fundamento ocorrera a partir do episódio bíblico da legitimação do poder de nomeação dos animais atribuído por Deus a Adão. Acrescente-se para a legitimação dessa supremacia do homem o fato de ter sido ele criado primeiramente, enquanto que a mulher fora criada como acessório, numa condição de secundariedade inferiorizada. Estava, assim, justificada *ab origine* a competência e a sabedoria do homem em dominar e comandar a mulher e o conhecimento da natureza. Desse poder natural de sabedoria e competência étimo-epistemológica, enquanto atributo originalmente inerente ao homem, recrudesceram, com pretensões patriarcalistas no período medieval, as mais elaboradas idéias e atitudes androcêntricas estendidas ao feminino, inclusive com radicais conotações misóginas, veladas ou mais abertas em termos ideológicos e politicamente estratégicos. É nessa esteira que podemos ler a seguinte assunção contida no bestário de Cambridge, cuja sutileza de construção retórica é realmente admirável enquanto revelação de uma disposição misógina. Não satisfeito em estabelecer, de maneira estratégica, retoricamente contorcida, a superior fortaleza natural e moral do homem e a inferior fraqueza da mulher, o bestário inclusive responsabiliza-a, quando não

obediente e aquiescente aos mandos e desejos do seu parceiro, por desvios de comportamento sexual por ele praticados:

A man is called Vir because there is more worth (*virtus*) in him than there is in women. Hence also he gets the name of courage, or else because he governs his women by force (*vi*). Mulier the Woman is derived from “weakness”, since “*mollior*” (weaker), with a letter taken away or changed, becomes “mulier”. They are differentiated from man both in courage and in imbecility of body. Man has the greater capacity, woman the lesser, on purpose that she should give in to him: i. e. lest, with women being difficult about it, lust should compel men to look elsewhere and to go awhoring after another sex. She is called “*mulier*” from her feminility and not because of her weakness in having her chastity corrupted, for the language of Holy Writ is: “And Eve was suddenly made out of the side of her man”. Not by contact with man is she called ‘mulier’. The scriptures say: ‘And he (God) formed her into a woman”. (WHITE, 1984, p. 222)

Um homem é chamado Vir (varão) porque existe mais valor (*virtus*) nele do que nas mulheres. Daí também ele obter o nome de coragem, principalmente porque ele governa as suas mulheres por força (*vi*). Mulier, a Mulher é derivada de “fraqueza”, uma vez que “*mollior*” (mais fraco), com uma letra subtraída ou mudada, torna-se “mulier”. Elas são diferenciadas do homem ambos em coragem e na imbecilidade do corpo. O homem tem a maior capacidade, a mulher a menor, com a finalidade de que ela deve se submeter a ele: i. e. para que, com as mulheres sendo difíceis nisso, o desejo sexual não force os homens a procurá-lo em outro lugar e se prostituir com outro sexo. Ela é chamada “mulier” devido à sua feminilidade e não por causa da sua fraqueza em ter a sua castidade corrompida, porque a palavra do Espírito Sagrado é: “E Eva foi subitamente feita de uma parte do lado do homem”. Não pelo contato com o homem ela é chamada “mulier”. As Escrituras dizem: ‘E ele (Deus) formou-a em uma mulher. (Tradução minha)

Sintonizando definições como esta, foram cunhados, ao longo do período medieval, os grandes temas da misoginia patrística, os quais, fundamentados na tradição jeovista da criação da mulher, afirmavam a

sua degradada biologia, a insaciabilidade da sua libido, a paradoxal natureza da sua castidade, a sua necessária subserviência e outras noções correspondentes a essa esteira derogatória. Tais noções traduzem uma hermenêutica reveladora da femifóbica tendência androcêntrica, que chega a temer a existência fantasmática de uma sexualidade ginocêntrica dentro do seu próprio corpo. Nesse sentido, observa Bloch que “o medo da feminilidade, identificado com as faculdades de cognição e expressão que podiam trazer tal medo à consciência, não é um medo da sensualidade generalizado e abstrato, mas uma desconfiança dos sentidos – um medo da mulher como corpo, do corpo como mulher. Em outras palavras, é o medo da mulher no corpo de cada homem” (BLOCH, 1995, p. 39-40).

Um dos aspectos mais temidos da natureza feminina foi ancestralmente imputado à sua natural e incontrolada disposição, geralmente simbolizada como uma incandescente lascívia comprometedora da integridade do homem. Esse motivo encontra-se alegoricamente presente no bestiário medieval, podendo ser exemplarmente notado na representação sexuada das chamadas “pedras de fogo” ou *Terebolem*, sendo a pedra fêmea responsável, ao se aproximar da pedra macho, por uma destruidora combustão de ambos. A moralização, de recorrência teológica e advogadamente celibatária, que segue a descrição das *Terebolem* não poderia ser mais misógina:

You, therefore, O Men of God, who wage this way of life of ours, keep well away from women, lest, when you have got near to one another, the twin-born flame should break out in yourselves and burn up the good things which Christ has conferred upon you. For Satan hath his angels who are always in battle against the just, not only against holy men but also against chaste women. (WHITE, 1984, p. 227)

Vocês, portanto, Ó Homens de Deus, que conduzem essa forma de vida como a nossa [i.e., a vida clerical], mantenham-se bem distantes das mulheres, a fim de que, quando se aproximarem delas, a chama gêmea não rompa em vocês e queime as boas coisas que Cristo conferiu a vocês. Porque Satã tem os seus anjos que estão sempre

em luta contra o justo, não somente contra os homens santos mas também contra as mulheres castas. (Tradução minha)

Uma leitura feminista menos virulenta da citação poderia argumentar que o conselho nela contido dirige-se particularmente aos clérigos, admitindo, inclusive, a castidade nas mulheres que, como os homens, podem se tornar vítimas dos anjos do Mal. Entretanto, no contexto geral da mentalidade misógina da Idade Média, essa possível simpatia do bestiário para com as mulheres parece ser mera condescendência. Isto porque o recomendável para o homem, principalmente aquele alertado para a vocação religiosa, era o celibato. Não sendo este possível, a recomendação era o matrimônio virtuoso, o melhor estado para se prevenir contra o pecado da luxúria.

Há quem defenda que, no bestiário, nem todos os espécimes do sexo feminino são indiscriminadamente tratados de maneira misógina; que, por exemplo, a lascívia da perdiz é compensada pela virtuosa castidade da rolinha. Se isso é bem verdade, não parece, entretanto, ser menos verdadeiro o fato de que, em se tratando do pecado do sexo, são nas fêmeas – fazendo coro à exegese bíblica da retratação de Eva, a fêmea primordial – que recaem as maiores faltas e agravantes.

Verificamos anteriormente que, no bestiário, por meio de um estratégico contorcimento retórico na descrição das diferenças entre o homem e a mulher, a inferioridade desta fora imputada à sua feminilidade e não à sua fraqueza em ter a sua castidade corrompida (WHITE, 1984, p. 222). Comentando sobre as pedras *Terebolem*, o bestiário diz:

When they are apart from one another the fire in them does not catch light. But when by chance the female may have approached the male, at once the flame bursts out, so much so that everything around that mountain blazes. (WHITE, 1984, p. 226)

Quando elas estão afastadas umas das outras o fogo nelas não acende. Mas quando, por casualidade, a fêmea aproxima-se do macho, de uma vez a chama explode, tanto que tudo ao redor daquela montanha incendeia-se. (Tradução minha)

Se aproximarmos aquele pronunciamento do bestiário acerca da inferioridade da mulher com o que ele diz acerca dessas pedras *Terebolem*, podemos verificar que, mesmo por casualidade, é a *Terebolem* fêmea que se aproxima da *Terebolem* macho, causando a destruição. Portanto, é à mulher – e, por analogia, à fêmea de modo geral – que cabe aproximar-se do homem e do macho, para incontinentemente exercer a sua natural feminilidade, misto de provocação e sedução destruidoras, instintiva matéria sensorial e sexual, a qual a razão masculina – a *forma* aristotélica, tão bem apreciada pelo pensamento patrístico medieval – nem sempre consegue organizar e dominar, ficando freqüentemente à mercê da sua natureza ambígua e caprichosa.

Se é bem verdade que essa visão destruidora do feminino faz parte de ancestrais e clássicas cosmogonias míticas, foi, entretanto, no período medieval, principalmente para o seu final, que recrudescceu, inclusive com motivos demonológicos, esse aspecto negativo. Um exemplo clássico disso são as *Sirenae* (sereias), retratadas, no bestiário, como criaturas mortais, metade mulher, metade ave, as quais, adormecendo os marinheiros com seus melodiosos cantos, atacam-nos rasgando-os em pedaços. A moralização que segue qualifica esses híbridos femininos como possuidores de belas vozes que enganam os ignorantes e incautos, que se deixam levar por indelicadezas, ostentações, prazeres e licenciosidades, fazendo-os perder o seu vigor mental e, por isso, ficando à mercê dos ataques do Inimigo (i.e., o Demônio) (WHITE, 1984, p. 134-35). Portanto, a metáfora da sereia-mulher identifica aqui atributos complementares à derrogação do feminino na perspectiva misógina medieval, quando o seu poder de sedução destruidora opera por meio do engano mascarado de beleza e prazer.

Se a sereia seduz pela fatal maviosidade de seu canto, não menos sedutoramente destruidor é o olhar feminino que, associado à fértil e licenciosa imaginação da mulher, poderia destruir o homem ou mesmo corromper a sua semente fecundadora, gerando criaturas monstruosas. Embora o bestiário não se refira diretamente aos poderes maléficis da

mirada feminina, cremos que uma criatura fabulosa, nele retratada, pode servir como exemplo dessa malignidade. Trata-se do *Basilisco* que, sendo um híbrido de galo com rabo de serpente, era capaz de matar um homem simplesmente por olhá-lo.

O componente feminino dessa propriedade encontra-se na serpente que compactuou-se com Eva devido à sua natural vulnerabilidade à sedução e ao engano. Essa visão encontra-se claramente exposta em santo Isidoro de Sevilha, uma das mais influentes fontes enciclopédicas do saber e do imaginário medieval. Nas suas *Etimologiae*, ao comentar, embora ceticamente, sobre os fabulosos portentos humanos, ele se refere às *Górgonas* como

meretrices cuyus cabellos eran serpientes y que transformaban en piedra a quienes las miraban; estaban dotadas de un solo ojo, que era común a todas ellas. En realidad, se trataba de tres hermanas de una única extraordinaria hermosura, un único ojo, diríamos, que de tal manera dejaban admirados a quienes las contemplaban, que uno podía pensar que se quedaban “convertidos en piedra” (ISIDORO DE SEVILHA, 1982-1983, p. 53)

meretrizes cujos cabelos eram serpentes e que transformavam em pedra quem as mirava; estavam dotadas de um só olho, que era comum a todas elas. Na realidade, se tratava de três irmãs de uma única extraordinária formosura, um único olho, diríamos, que de tal maneira deixavam admirados quem as contemplava, que poder-se-ia pensar que ficavam como que “convertidos em pedra”. (Tradução minha)

Isidoro, logo após esse comentário sobre as *Górgonas*, trata das sereias, dizendo, desmistificando a tradição mitológica, que esses dois tipos de criaturas não passavam de meretrizes, cuja fama as havia colocado no domínio do fabuloso. Apesar desse esforço do santo em racionalizar, não ficam isentas de misoginia as suas considerações acerca do malefício que pode representar o enquadramento sedutor do olhar feminino dirigido ao homem inadvertido dos seus perigos. Tal não fora,

como interpretar aquele seu comentário, extremamente derogatório da natureza feminina, sobre a “*Menstrua*”, o sangue menstrual, cujo simples contato corrompe ervas e frutos, corrói o ferro, enegrece o bronze, desmorona o betume e chega a enloquecer os cães (ISIDORO DE SEVILHA, 1982-1983, p. 38-39). Aqui, a natureza feminina não compromete simplesmente o homem; atinge dimensões mais amplas do mundo natural. O próprio *Basilisco*, nesse curto-circuito misógino, era considerado associado ao sangue menstrual, sendo comum a crença de que essa besta poderia nascer de um fio de cabelo de mulher, em estado de menstruação, enterrado no solo (WALKER, 1988, p. 235).

De todos os animais do bestiário, o *Crocodyllus* (crocodilo) parece ser o que mais reúne características associadas ao poder enganoso da mulher. Acredita-se que os seus excrementos servem para fazer um tipo de unguento com o qual as prostitutas velhas e enrugadas untam o seu rosto e se tornam belas, até que o suor das suas lides acabam por lavá-lo. A moralização que segue emprega qualificativos que se associam claramente a essa competência feminina para a dissimulação ou o mascaramento, ao dizer que as pessoas hipócritas, dissolutas e avaras têm a mesma natureza do crocodilo. E completa, atribuindo a essas pessoas três dos pecados capitais: a vaidade, a luxúria e a avareza. Instistindo na metáfora da maquiagem enganosa, lembrada em referência às velhas e enrugadas prostitutas, continua o bestiário comparando o unguento obtido das fezes do animal com as pessoas más, freqüentemente admiradas e louvadas pelos inexperientes pelo mal que fazem, mascarando-se pela falsa beleza das suas ações. Entretanto, quando o Julgamento [i. e., o dia do Juízo] mover a sua ira ao máximo, lavando o mal perpetrado, então toda elegância dessa adulação desfar-se-á como fumaça (WHITE, 1984, p. 50-51).

Consoante disposições como essas, o discurso de gênero, estrategicamente enunciado em termos político-moralizantes na literatura medieval, a exemplo do bestiário, constituiu-se numa verdadeira hermenêutica da misoginia. Das várias lições a serem apreendidas dessa herme-

nêutica, a tropologia da feminilização dos sentidos *versus* a masculinização da razão será um tema constante na literatura medieval e renascentista, fixando as noções fundamentais do que ainda hoje se entende por amor romântico no mundo ocidental, forjado ou inventado a partir do que convencionalmente se deu a entender como as mais puras intenções do amor cortês. Foi, entretanto, no bojo derogatório e misógino da avaliação do feminino, que, dentre outros, o motivo recorrente do olhar sedutoramente destruidor da mulher, muitas vezes tropologicamente animalizada, como acontece no bestiário, deu origem a uma poética amorosa enlevada que, ironicamente, parece esquecer-se da história da consumada litania discriminatória da feminilidade. É o que acontece nos seguintes versos de Bernart de Ventadorn, poeta do século XII, que representa ao máximo o ideal do amor cortês (BRIFFAULT, 1965, p. 83):

Anc non agui de me poder/ ni no fui meus de l'or' en sai/ que-m
laisset en sos olhs vezer/ en un miralh que mout me plai./ Miralhs,
pus me mirei en te,/ m'na mort li sospir de preon./ c' aissi-m perdi
com perdet se/ lo bels Narcisus en la fon. (VENTADORN, 1962, p. 166)

Nunca mais tive controle de mim ou/ me pertenci desde a hora que
me deixou/ ver em seus olhos – espelho que muito/ me agrada./
Espelho, depois que me mirei/ em ti, matam-me os suspiros
profundos,/ que assim me perdi como se perdeu o/ belo Narciso na
fonte. (Tradução minha)

THE MEDIEVAL BESTIARY AND THE DEROGATORY REPRESENTATION OF THE FEMININE
GENDER: THE CAMBRIDGE MANUSCRIPT EXAMPLE

ABSTRACT

In medieval culture, the bestiaries dealt with animals of the most diverse species and nature. The bestiaries used to reveal, in a symbolic and figurative manner, a religious pragmatics characterized by its doctrinary and moral purpose. This study aims to examine that in the formation of that edifying purpose elements and aspects of the medieval mentality and its misogynistic culture take shape in instances which identify a truly gender discourse. This kind of discourse in the bestiaries, as for example in the manuscript of Cambridge (MS

II. 4.26), places in a strategical and ideological perspective the representation of the feminine image of many of the animals considered in the manuscript.

KEY WORDS: medieval bestiary, misogyny, manuscript of Cambridge.

REFERÊNCIAS

BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Tradução de Claudia Morais. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

BRIFFAULT, Robert. *The Troubadours*. Bloomington: Indiana University Press, 1965.

ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologías*, v. 2, livro 11. Ed. bilingue de J. Oroz y M. A. Marcos. Madrid: B. A. C., 1982-1983.

KAPLAN, Cora. *Sea Changes: culture and feminism*. London: Verso, 1986.

MACKINNON, Catherine. *Feminism Unmodified*. Cambridge: Harvard University Press, 1987.

VENTADORN, Bernart de. *The Songs of Bernart de Ventadorn*. Edição e tradução de Stephen G. Nichols. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1962.

WALKER, Barbara. *The Woman's Dictionary of Symbols and Sacred Objects*. San Francisco: Harper & Row, 1988.

WHITE, T. H. *The Book of Beasts: being a translation of a Latin Bestiary of the Twelfth Century*. New York: Dover Publications, Inc., 1984.

